

AMERÍNDIA EM APARECIDA: A PARTICIPAÇÃO DOS TEÓLOGOS DA LIBERTAÇÃO

Paulo Suess

Aos que ainda vão nascer

Pensem
quando falarem de nossas fraquezas
também nos tempos sinistros de que escaparam.
Trocávamos então os países como se fossem sandálias
atravessando guerras de classes, desesperados
porque havia só injustiça e nenhuma revolta.
Hoje sabemos:
também o ódio à baixeza deforma as feições.
Também a ira pela injustiça torna a voz rouca. Ah, e nós
que queríamos preparar o chão para um mundo melhor
não pudemos nós mesmos ser melhores.
Mas vocês,
quando chegar o momento
da humanidade ser companheira
da humanidade, lembrem-se de nós
com simpatia indulgente.

[B. Brecht]

Metamorfose

Pode ser que “o olhar distanciado”¹ do antropólogo seja mais objetivo do que o olhar do militante por uma causa e do participante de um evento. A proximidade local, a paixão instantânea e a lealdade com o próprio grupo tendem a enfraquecer a capacidade analítica. Também a sigla “Teologia da Libertação”, há tempo banida de documentos oficiais da Igreja, pode impor cuidados especiais na descrição da participação de “Teólogos da Libertação” num evento eclesial, como foi a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, em maio de 2007 em Aparecida.

Um desses cuidados que o grupo prudentemente adotou, desde antes de “Santo Domingo” (1992), foi a metamorfose da própria razão social de “Teólog@s da Libertação” em “Grupo Ameríndia”. Para que irritar setores conservadores da Igreja com uma sigla que, embora sendo bíblica, como sigla é secundária diante dos conteúdos que ela representa? Além disso, a mudança do *shiboleth*, “Libertação”, para a bandeira “Ameríndia” não representa um câmbio de paradigma, mas o aprofundamento do paradigma da libertação universal pela dimensão da

¹ Cf. LÉVI-STRAUSS, Claude. *O olhar distanciado*. São Paulo/Lisboa: Martins Fontes/Edições 70, 1986.

contextualização. “Ameríndia”, além de dar mais ênfase ao caráter coletivo do grupo em detrimento da presença deste ou daquele teólogo, conota o passado indígena pré-colonial. Nas origens da Teologia da Libertação, a causa indígena era considerada uma causa menor, que pouco poderia contribuir para a transformação do continente latino-americano e caribenho. No decorrer dos anos, porém, os povos indígenas mostravam uma grande força política, que brotava de suas culturas milenares, libertárias e igualitárias. Os povos indígenas de todos os países do continente latino-americano, sobretudo do Equador, México (Chiapas), Brasil e Bolívia desconcertaram uma primeira geração de Teólog@s da Libertação. Houve conversão teológica e desconstrução teórica. O grupo se mostrou capaz de ser discípulo do Reino, aprendiz da história e dos movimentos populares que o conduziram por caminhos inesperados. Não só a redistribuição dos bens, mas também o reconhecimento do outro são tarefas para a construção de um mundo novo. Não há subordinação do reconhecimento do outro à redistribuição dos bens, da alteridade à pobreza. As montanhas da miséria cresceram sobre as rochas do não-reconhecimento. A libertação da Ameríndia aponta para a radicalidade da libertação, quer dizer, para a necessidade de não só não esquecer as suas raízes, mas de construir a sua libertação com o horizonte que emerge dessas raízes indígenas.

O grupo “Ameríndia” não surgiu espontaneamente. Em todas as articulações teologicamente relevantes das últimas décadas, aparece o nome de Sergio Torres, com sua presença maiêutica no sentido original da palavra, sempre vigilante, *custos*. Com seu faro teológico-pastoral também estava presente nas primeiras articulações da Ameríndia. Com voz mansa e quase sonolenta que, de imediato, não revela o estrategista lúcido, com a fé na força institucional da Igreja e, muitas vezes, missionário solitário que percorreu países e continentes para costurar alianças que permitiram a continuidade da Teologia da Libertação, não como uma corrente sectária, mas no interior da Igreja Católica. Era possível encontrar Sergio, com uma verdadeira vocação de Nicodemos, em altas horas da noite percorrendo as ruas de Aparecida com uma pasta embaixo dos braços com penúltimas emendas sob o sigilo de confessorário. Sua lealdade eclesial do vigia e *custos* vai noite adentro.

Hoje, Ameríndia representa uma articulação consolidada de teólogos e teólogas da libertação da América Latina e do Caribe. Desde Santo Domingo (1992), o grupo acompanha a carruagem eclesial como “Ameríndia”. Por ter participado desse grupo – em Aparecida éramos em torno de 25 pessoas de 12 países –, vou tentar evitar alguns adjetivos como “importante”, “inteligente”, “generoso”, “gratuito”, “lúcido”, “incansável”, que poderiam conotar certo ranço corporativista.

Memória

Na militância dos movimentos sociais se ouvem vozes que consideram a participação de teólogos em conferências episcopais tempo perdido. Acham que o teólogo, como “intelectual orgânico”, deve acompanhar os movimentos populares, as lutas de frente e os grupos de base. Acham que o episcopado, por sua pertença institucional, que geralmente não deixa de ser uma pertença de classe, efetivamente pouco pode contribuir para as transformações sociais, para a distribuição dos bens e o reconhecimento dos outros. Também uma Igreja participativa e “casa dos pobres” (DAP 8) não será uma dádiva da hierarquia, mas uma conquista do povo de Deus em seu conjunto e, muitas vezes, em confronto com a hierarquia. Militantes de movimentos sociais nos cobram a “transformação” de Medellín, a “participação” de Puebla, a “inculturação” de Santo Domingo, a “missão” de Aparecida e as bem-aventuranças do Evangelho.

Creio que nessa postura se reflete uma confusão entre visão, processo, estrutura e meta. O processo de libertação nos obriga a atravessar instituições com suas estruturas e conviver com trigo e joio do qual fazemos parte. Contudo, quem diria que a organização do movimento indígena no Brasil não foi impulsionada pelas primeiras Assembléias Indígenas convocadas desde 1974 pelo Conselho Indigenista Missionário (Cimi)? Quem diria que as marchas indígenas no Equador não foram influenciadas pela pastoral de um Leonidas Proaño? Que o *Centro de Investigación y Promoción del Campesinado* (Cipca) de Peru e Bolívia, fundado em 1972 pelos Jesuítas, não contribuiu para a autodeterminação dos povos indígenas? Que a presença catalizadora de Samuel Ruíz, em Chiapas, de Sergio Méndez Arceo, em Cuernavaca, e do *Centro Nacional de Ayuda a las Misiones Indígenas* (Cenami) não mostraram a relevância da fé cristã eclesialmente enraizada para a autoafirmação de setores marginalizados na sociedade de México? Que o Equipo Nacional de Pastoral Aborígen (Endepa) de Argentina, não tiveram um impacto sobre a visão etnocêntrica de seu país e de sua Igreja? Quem diria que em todos esses processos pastorais as estruturas não foram colocadas a serviço dos pequenos?

Diaconia

Ameríndia compreende a sua missão no interior da Igreja sobretudo como serviço teológico aos pobres e aos outros. A alteridade do samaritano e da samaritana é um bem que Jesus defendeu na parábola e no poço de Jacó, mesmo não se tratando de pobres no sentido estrito. Vivemos nossa diaconia teológica em Aparecida como assessoria a bispos-delegados que solicitaram esse serviço. Montamos uma pequena oficina na Casa das Irmãs Canisianas, logo em frente à Catedral do Santuário de Aparecida, onde morávamos e trabalhávamos de 13 a 31 de maio de 2007.

O grupo Ameríndia marcou presença na "Tenda dos Mártires", um espaço de encontro, oração e celebração, na "Romaria Popular", de Roseira a Aparecida, organizada por CEBs e pastorais de São Paulo, de 19 a 20 de maio e no "Seminário Latino-Americano de Teologia", de 18 a 20 de maio. Este seminário, que reuniu 250 pessoas de 17 países, se realizou em Pindamonhangaba e foi organizado pelo Conselho Nacional do Laicato do Brasil (CNLB).

O trabalho principal do grupo Ameríndia foi a colaboração com delegados das quinze comissões de trabalho da V Conferência. Produzimos textos segundo a demanda dos delegados, atendemos aos pedidos dos jornalistas por entrevistas e informações especializadas, oferecemos subsídios sobre a realidade latino-americana e caribenha, a partir da nossa mística comprometida com os pobres-outros e com a Igreja Povo de Deus.

Convivemos fraternalmente os vinte dias de Aparecida à sombra da Basílica, o que não é óbvio. Não é fácil viver o Reino em grupo e antecipar no dia a dia o mundo novo que se quer construir. Afinal, somos um produto e um retrato das estruturas eclesiais, especialistas, idealistas e realistas, mancando como Jacó e reproduzindo virtudes e vícios das Igrejas às quais pertencemos. Procuramos, cada um com a sua luz própria e com as inspirações partilhadas em grupo, fazer avançar a Igreja nos trilhos do Vaticano II (1962-1965), na sua contextualização ensaiada em Medellín (1968) e na leitura dos sinais do tempo de hoje. Muitas vezes, na saída da cripta da Basílica, onde se reuniram todo esse tempo os delegados da V Conferência, esperávamos os bispos para entregar textos, marcar reuniões e receber novas encomendas. O retorno de um "serviu" foi a melhor recompensa.

Documento

A presença dos teólogos da libertação em Aparecida significava a vontade de trazer e continuar a caminhada latino-americana e caribenha pós-conciliar para Aparecida. Se esta proposta teve êxito, não foi nosso mérito. Trabalhamos em Santo Domingo (1992) com o mesmo afinco, porém com menos resultados. O contexto dos "500 anos" e a presença maciça de delegados não eleitos tinham polarizado aquela conferência. Em Aparecida, o Discurso de Bento XVI, na abertura da Conferência, criou desde o início um clima de conciliação porque assumiu, aparentemente com uma nova fundamentação que podia contar com uma recepção mais ampla, vários tópicos da Teologia da Libertação. Era possível, sem contorcionismo hermenêutico, ver nesse discurso grande parte das intenções fundantes da Teologia da Libertação.

Os teólogos e as teólogas da Ameríndia em Aparecida foram semeadores a serviço dos pastores. O semeador não é fiscal da messe, mas tampouco é cego. Registra a semente que caiu sobre a terra seca. Por motivos extrapastorais, a questão dos

ministérios ainda caiu sobre a pedra. O Documento de Aparecida aponta para a contradição entre o fato de que “a Eucaristia faz Igreja” e edifica comunidades e a realidade pastoral na qual “milhares dessas comunidades [são] privadas da Eucaristia dominical” (100e). Não se trata de coragem profética, mas de ética profissional e responsabilidade com o povo de Deus, quando cobramos uma solução urgente nessa questão.

Por outro lado, o grupo Ameríndia se reencontra em muitas partes do “Documento de Aparecida” (DAp) e na caminhada por ele traçada. Sobretudo nos alegramos sobre a reconfirmação dos seguintes itens e/ou compromissos²:

1. O **método** “ver, julgar e agir” (DAp 19).
2. A **evangelização integral**: “A evangelização vai unida sempre à promoção humana e à autêntica libertação cristã” (DAp 26).
3. A **opção preferencial pelos pobres** e o reconhecimento de seu lugar como sujeitos da evangelização (DAp n. 8.3; 392, 398). Essa opção “implica que deva atravessar todas as nossas estruturas e prioridades pastorais” (DAp 396), e encontra seu desdobramento na cristologia e na eclesiologia.
4. Uma **cristologia estruturada pela opção pelos pobres**: “O encontro com Jesus Cristo através dos pobres é uma dimensão constitutiva de nossa fé” (DAp 257) e “Tudo o que tenha relação com Cristo tem relação com os pobres e tudo o que está relacionado com os pobres clama por Jesus Cristo” (DAp 393).
5. Uma **eclesiologia atravessada pela opção pelos pobres**: A Igreja, “morada de povos irmãos e casa dos pobres” (DAp 8, cf. 524), está convocada a ser “advogada da justiça e defensora dos pobres” (DAp 395, cf. 533).
6. As **Comunidades Eclesiais de Base** foram reconhecidas com seu estatuto eclesial e pastoral (DAp 98c, e; 178-180).
7. A **causa dos povos indígenas e afro-americanos** foi reassumida como na Conferência anterior de Santo Domingo (SD 243ss; DAp 529ss).
8. As **questões da terra e da ecologia** foram colocadas no contexto da agressão à natureza, do destino universal dos bens, da exigência da solidariedade e da promoção de uma ecologia humana (DAp 125s).
9. O **diálogo ecumênico e inter-religioso** estimula novas formas de discipulado para promover liberdade, dignidade, paz e convivência cidadã (DAp 233; 239).
10. A **missão**, que se tornou paradigma síntese de Aparecida, exige “abandonar as ultrapassadas estruturas que já não favoreçam a transmissão da fé” (365) e

² Todos esses compromissos foram sistematizados nos respectivos verbetes em SUESS, Paulo, *Dicionário de Aparecida*. 40 palavras-chave para uma leitura pastoral do Documento de Aparecida, 2. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

aponta para uma Igreja em "estado de missão" (DAp 213) para o bem da humanidade.

Ainda que "o olhar distanciado" do antropólogo seja mais objetivo que o olhar do militante, nem por isso será mais verdadeiro. Em Aparecida apreendemos novamente que o ensinamento da cátedra se torna real, verdadeiro, viático, quando é peneirado na marcha, na romaria com o povo, na "Tenda dos Mártires". A prova d'água da utopia do Reino é o sangue dos mártires e a poeira nas sandálias do peregrino.